

1 Introdução

Abordar o tema da supervisão de estágio enquanto lugar de reflexão da formação e da prática profissional do assistente social, privilegiando o supervisor de campo como sujeito co-participante desse processo foi uma tarefa um tanto que desafiante e também um grande aprendizado, principalmente levando-se em consideração que a atividade da supervisão embora constitutiva do processo de formação profissional em Serviço Social desde sua constituição enquanto profissão, mas só recentemente regulamentada, no Brasil, através da Resolução CFESS nº 533 de 29 de setembro de 2008, ainda se desenvolve permeada de inseguranças e incertezas por parte dos profissionais.

Nesse sentido, ao realizar o presente estudo partiu-se do pressuposto de que o estágio é um dos espaços privilegiados, integrante e essencial na formação profissional do assistente social, pois é o lugar em que o aluno exercita e reflete sua prática profissional desenvolvendo sua capacidade teórico-metodológica, ético-política e técnico-operativa. É o lugar onde a sua identidade profissional é gerada, a partir do momento em que se reconhece como profissional. Nesse espaço, a supervisão de campo caracteriza-se como um momento coletivo de ensino-aprendizagem, no qual supervisor de campo e aluno estagiário, como sujeitos do processo de formação profissional, através do diálogo, da troca, da partilha, da observação, da autonomia, da sistematização e da reflexão constroem conhecimentos e competências para o exercício da profissão.

A escolha desse tema originou-se a partir de questionamentos que se fizeram presentes no decorrer de minha experiência na graduação do curso de Serviço Social da PUC-Rio enquanto primeiro estagiário, em 2002, no Projeto FESP (Fundo Emergencial de Solidariedade da PUC-Rio). Este tem como objetivo conceder auxílios de transporte e alimentação aos alunos bolsistas integrais da própria PUC-Rio e, a partir de 2005, aos bolsistas PROUNI que apresentam dificuldades sócio-econômicas para arcar com as despesas relacionadas ao bom desenvolvimento acadêmico.

Nesse espaço, pude vivenciar, durante um ano, as contradições, êxitos e desafios da prática de estágio em Serviço Social. Na ocasião, me deparei com um campo de estágio que estava se construindo e, portanto, o mesmo ainda não tinha uma supervisora *in loco*, o que dificultava a realização de reflexões, acompanhamento e sistematização da prática de maneira direta.

Embora o estágio se realizasse em um Projeto desenvolvido na Pastoral Universitária, a supervisão era realizada por uma profissional da Instituição, alocada na Vice-Reitoria Comunitária, setor da universidade que, entre outras atribuições, é responsável por Coordenar as Bolsas e Auxílios. É importante destacar que mesmo diante da ausência de uma supervisora *in loco*, era realizada, uma vez por semana, a reunião de supervisão. Nessa reunião, eu discutia com a supervisora a relação entre o cotidiano do estágio no FESP e o conteúdo das disciplinas do curso de Serviço Social, ou seja, a relação entre teoria e prática.

Em agosto de 2005, recém formado, fui contratado como Assistente Social no Projeto FESP. No mesmo ano, a coordenação do projeto consultou-me sobre o interesse em assumir a supervisão das alunas de Serviço Social que ali realizavam sua prática de estágio. Pensando em minha própria experiência inicial de estágio e no desafio que tal proposta suscitava, percebi que com esta atribuição poderia contribuir na formação profissional de futuros assistentes sociais. Então, a partir de 2006, passei a supervisionar três alunas do 3º período do curso de Serviço Social da PUC-Rio.¹

Embora bastante motivado para a realização da supervisão dessas alunas, me sentia inseguro, pois frequentemente me perguntava: qual seria o papel do supervisor de campo? O que é a supervisão de campo? Como deveria se dar essa supervisão?

Diante dessas questões, contatei uma das professoras responsáveis pela disciplina *Análise do Processo Metodológico I, II, III e IV*², no intuito de receber indicações de algum material bibliográfico que pudesse me orientar sobre o papel do supervisor e sobre a atividade da supervisão de campo.

¹ Cabe ressaltar que, na PUC-Rio, os alunos iniciam sua prática de estágio no 3º período do curso.

² Uma vez que estas disciplinas, conforme estabelecido nas respectivas ementas têm por objetivo a “Aprendizagem supervisionada da ação profissional em Serviço social e sua relação com os conteúdos das disciplinas teóricas e metodológicas”. (PPC, 2007, p. 19)

A professora sugeriu como bibliografia os livros de Balbina Ottoni Vieira (1979)³ e o de Marta Feiten Buriolla (1996)⁴. Embora os textos tenham contribuído para uma primeira aproximação com o tema da supervisão, procurei buscar outros textos, como por exemplo, artigos publicados na Revista Serviço Social & Sociedade bem como artigos na Internet através de sites da categoria (<http://www.cressrj.org.br>). É importante ressaltar que nesta busca foram encontradas poucas publicações sobre o tema.

Os livros, os artigos e os textos encontrados apresentavam questões recorrentes sobre a supervisão, especificamente, por parte dos sujeitos envolvidos nesta atividade. Em relação aos estagiários, foram encontradas queixas por se sentirem mão de obra barata, não terem supervisão e também por não conseguirem identificar, no cotidiano profissional, a conexão entre teoria e prática. Já por parte dos profissionais supervisores de campo, havia queixas quanto ao desenvolvimento de uma atividade que é pouco valorizada e sequer remunerada pela instituição nas quais atuam bem como a ausência da relação entre a Unidade de Ensino e a Instituição que oferece campo de estágio e também queixas quanto à falta de capacitação específica para realização da Supervisão.

No âmbito de minha prática profissional no FESP, em contato com os alunos usuários do Projeto, especificamente, os de Serviço Social, era comum ouvir relatos sobre as suas insatisfações tanto em relação ao campo de estágio, quanto em relação ao seu supervisor de campo. Na maioria das vezes, esses alunos esperavam encontrar no supervisor de campo um profissional que apresentasse todas as respostas às suas inquietações. Nesse sentido, a fala dos alunos, associada às leituras realizadas e à própria experiência (de estagiário e de supervisor), suscitava as seguintes questões: Os supervisores de campo têm ideia dessa expectativa do aluno? Como lidam com esta situação? Que respaldo encontram da Unidade de Ensino ao receber alunos para supervisionar?

O Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, através da Coordenação de Estágio, realiza uma vez por semestre, uma reunião com todos os supervisores de campo que supervisionam seus alunos. Nesses momentos, a partir da interação com outros supervisores de campo, foi possível constatar que muitos não estão

³ Vieira, Balbina Ottoni. Supervisão em Serviço Social. Editora Agir, 1979

⁴ Buriolla, Marta A. Feiten. Supervisão em Serviço Social. Editora Cortez, 1996

e/ou não se sentem preparados para a atividade da supervisão, visto levantarem, nas reuniões, questões do cotidiano com as quais não sabem lidar, como por exemplo, a relação com o aluno-estagiário, quanto ao seu papel de supervisor. São comuns questões do tipo: devo ou não exigir o diário de campo ao aluno-estagiário? Como devo avaliar o aluno-estagiário? Como lidar com alunos-estagiários que têm dificuldades em sistematizar a prática? Ou seja, exemplos reais de dificuldades, dúvidas e obstáculos para a realização da supervisão de campo, que ratificavam minhas próprias inquietações sobre a importância da promoção de atividades que pudessem capacitar o profissional para ser supervisor. Desta forma, se a supervisão de campo é parte fundamental do processo de formação profissional; se os profissionais se mostram inseguros na prática dessa atividade e se a literatura referente à mesma revela esta realidade, constatou-se que questões importantes do processo de formação profissional continuam a merecer atenção e indicam a necessidade de estudos voltados para este componente da formação.

Reconhecendo a lacuna existente sobre o tema formação e atuação do supervisor de campo⁵, a presente dissertação foi orientada pelas seguintes

⁵ Uma revisão da literatura produzida sobre supervisão de estágio em Serviço Social, tendo como recorte a década de 90 e o início dos anos 2000, sobretudo dissertações e teses, possibilitou verificar que a figura do supervisor de campo, suas atribuições e competências não têm sido contempladas. Foi possível identificar que cada estudioso tem privilegiado diferentes aspectos da Supervisão de Estágio, dentre os quais, destaco os seguintes: BURIOLLA (1991), em seu estudo, enfatizou a relação didático-pedagógica dos agentes envolvidos no processo da formação profissional: alunos, docentes, supervisores de campo; a realidade sócio-histórica no processo de supervisão em Serviço Social; o significado da relação entre supervisor e supervisionado e a multiplicidade de papéis assumidos pelo supervisor; PINTO (1997) voltou-se para o estudo do estágio e da supervisão como componentes do ensino teórico-prático do Serviço Social; SANTOS (1996) buscou aprofundar seu estudo sobre a Instituição campo de estágio como o lugar onde se realiza a supervisão no processo de formação e prática profissional; SANTANA (1998) discorreu sobre os modelos de supervisão construídos no processo histórico da profissão no Brasil; PACCHIONI (1999) refletiu sobre o processo de supervisão considerando a relação supervisor-supervisionado tendo como fundamento uma concepção de relação de ajuda; PERAZZA (2000) buscou conhecer o Supervisor de Campo como sujeito do processo de formação profissional e sua relação com a Unidade de Ensino, enfatizando a interação social da vida cotidiana através da experiência de estar face a face com o outro; SILVA (2002) identificou o perfil do aluno a partir de sua inserção no processo de estágio; NORA (2002) tratou do processo de formação profissional do Assistente Social como construção histórica, caracterizando os sujeitos do processo, mas se deteve no perfil do aluno; LEWGOY (2007) apresentou a visão dos supervisores acadêmicos, supervisores de campo e dos alunos-estagiários sobre o processo de supervisão enquanto mediador do exercício de competência e habilidades previstas no atual projeto profissional. A partir desta breve revisão, observou-se que, nas produções acadêmicas sobre a supervisão de Estágio divulgadas na década de 90, são escassos os estudos que se voltam para a figura do supervisor de campo enquanto sujeito do processo de supervisão e formação profissional do futuro Assistente Social. Além disso, foi possível identificar nesta revisão da literatura que apenas BURIOLLA (1991) e PERAZZA (2000) trataram desse tema.

questões: quais os elementos presentes na concepção de supervisão dos supervisores de campo? Quais os fatores que levaram o profissional a ser supervisor? Que competências profissionais e habilidades são mais reforçadas pelos supervisores de campo? Como se prepararam/preparam para essa atribuição? Como se dá a articulação supervisor de campo e Unidade de Ensino?

Na tentativa de responder a essas questões, realizou-se o presente estudo tendo como objetivo geral conhecer como vem se realizando a supervisão de campo na visão dos supervisores que colaboram na formação profissional dos alunos do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

E como objetivos específicos os seguintes:

- conhecer quem são os supervisores de campo;
- conhecer as razões que os levaram à prática da supervisão;
- conhecer como se preparam para a prática da supervisão;
- identificar a concepção de estágio e supervisão que os mesmos possuem;
- conhecer as principais dificuldades que esses supervisores encontram no exercício da supervisão e como lidam com as mesmas; e
- conhecer como percebem a relação entre Unidade de Ensino e supervisor de campo.

Em razão desses objetivos optou-se por uma pesquisa do tipo exploratória, de caráter quanti-qualitativo, pois de acordo com Gil (1999) este tipo de pesquisa busca “proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato [...] quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses precisas e operacionalizáveis.” (GIL, 1999, p. 73). Desta forma, a pesquisa exploratória possibilita constituir a primeira etapa de uma investigação mais ampla.

Cabe informar que o estudo teve como foco os supervisores do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio pelas seguintes razões: (1) o aval positivo da Direção e da Coordenação de Estágio do Departamento de Serviço Social para a realização do estudo; (2) a possibilidade de acesso a fontes documentais em horários mais convenientes e sem necessidade de deslocamentos extras campus em função da vinculação funcional do mestrando enquanto funcionário da universidade; (3) a inserção dos alunos em campo de prática de

estágio a partir do 3º período do curso de Serviço Social, por ser este fato um diferencial da PUC-Rio, pois o mesmo não acontece em outras universidades de Serviço Social do Rio de Janeiro; e (4) o fato de também exercer o papel de supervisor de campo dos alunos do Departamento, tendo participação nas reuniões que contemplam discussões sobre a temática na instituição o que, em princípio, poderia facilitar o acesso e contato com os supervisores.

Estar envolvido com o próprio tema de estudo e com o local de sua realização foi mais um desafio já que “um dos grandes obstáculos com que se depara as ciências sociais reside no fato de estar o pesquisador, de alguma forma, envolvido com o fenômeno que pretende investigar [...] Mas isto não significa que seja impossível superar essa dificuldade.” (GIL,1999, p.23). Assim, foram tomados os cuidados necessários à existência de um distanciamento crítico e leitura “objetiva” dos dados, para evitar a “contaminação” da análise.

Para a coleta dos dados, tomou-se como base o segundo semestre de 2008 por ter sido este o período caracterizado na relação dos campos e respectivos supervisores que me foi fornecida pela Coordenação de Estágio do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

Os procedimentos adotados foram os seguintes:

- a) Inicialmente foi realizado um mapeamento dos 44 supervisores de campo vinculados ao Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, a fim de ter um quadro geral desses profissionais, dos campos e instituições, onde os alunos estavam alocados;
- b) Identificados os campos de estágio existentes, bem como os profissionais envolvidos, como primeira fase da pesquisa foi aplicado a todos os supervisores, pessoalmente ou via e-mail, um questionário semi-estruturado elaborado de forma a permitir uma caracterização dos mesmos (Anexo I);
- c) Em seguida, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas (Anexo II) com os supervisores de campo. Optou-se pela entrevista semi-estruturada por esta técnica de coleta de dados ser

[...] bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes. (SELLTZ et al,1967, p. 273 apud GIL, 1999, p. 117)

É importante ressaltar que os critérios de escolha dos supervisores de campo que participaram da segunda fase da pesquisa foram feitos após a elaboração do mapeamento dos campos de estágio do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio e da caracterização desses supervisores. Desse modo, os critérios foram os seguintes:

1) O supervisor de campo ter informado no questionário que aceitaria continuar participando do estudo. Dos 21 supervisores que responderam ao questionário, 17 responderam que aceitariam, sendo que, destes, 13 eram formados pela PUC-Rio e 04 por outras universidades. Como um dos supervisores formado pela PUC-Rio também compunha seu quadro docente e apresentava ampla experiência em supervisão e formação profissional, optou-se por privilegiar os demais supervisores que não apresentavam tal riqueza de capacitação. Assim, esta supervisora não foi inserida na seleção dos entrevistados e o número de supervisores que responderam que aceitariam continuar participando da pesquisa diminuiu para 16.

2) Como o número de supervisores formados pela PUC era maior e como não poderia entrevistar a todos em função dos prazos para a defesa da dissertação e da não possibilidade de me licenciar do trabalho, optei por reduzir o número de supervisores formados pela PUC-Rio para 04. O critério adotado foi o tempo de formado: o mais antigo e o mais recente. Quando um determinado ano apresentava mais de um supervisor, procedeu-se à seleção por sorteio. É importante ressaltar que o tempo de formado dos supervisores graduados pela PUC-Rio variou de 1971 a 2007. O tempo dos formados por outras universidades variou de 1985 a 2006.

3) Feita a composição do quadro de supervisores a serem entrevistados com base nos critérios acima, obteve-se o seguinte resultado:

Mais tempo de formado	Menos tempo de formado
PUC-Rio – Supervisor 05 – 1971	PUC-Rio – Supervisor 13 – 2007
PUC-Rio – Supervisor 19 - 2002	PUC-Rio – Supervisor 12 - 2006
UVA – Supervisor 16 – 1985	UNISUAM – Supervisor 06 – 2006
UFRJ – Supervisor 18 – 1998	UFF – Supervisor 17 - 2000

Os 08 supervisores selecionados foram contactados por telefone para a realização das entrevistas que foram agendadas segundo a disponibilidade dos mesmos.

No início de cada entrevista, o supervisor recebeu o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo III). As entrevistas foram gravadas com prévia autorização dos supervisores de campo e em seguida transcritas.

Além do mapeamento, da aplicação do questionário e das entrevistas com os supervisores, foi realizada também, uma entrevista semi-estruturada (Anexo IV) com a responsável pela Coordenação de Estágio do Departamento de Serviço Social, no período 2008.2, buscando-se apreender: a sua concepção de estágio e supervisão; os critérios adotados para a abertura de campos de estágio; os procedimentos adotados pela instituição para a seleção e encaminhamento dos alunos para os campos de estágio; os critérios adotados para capacitar os profissionais para serem supervisores de campo e a sistemática de relacionamento entre a unidade de ensino e os supervisores de campo.

Quanto à análise dos dados, informo que procedeu-se a análise de conteúdo para os dados qualitativos à luz das categorias centrais do estudo: formação profissional, estágio e supervisão. Os dados quantitativos, uma vez agrupados, foram analisados através de gráficos e tabelas de frequência simples.

Com base no que foi dito acima, a presente dissertação é composta por três capítulos:

No primeiro, buscou-se contextualizar o processo de formação profissional do assistente social cuja manifestação atual se dá numa sociedade complexa. Buscou-se, também, destacar a supervisão e o estágio a partir das Diretrizes Curriculares da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social – ABEPSS, como elementos indispensáveis da formação profissional do assistente social. Procurou-se ainda, tecer algumas reflexões a respeito dos conceitos de supervisão e estágio tendo como base alguns autores do Serviço Social, a partir da década de 1990 e por fim, evidenciar a supervisão como um dos lugares privilegiados de se refletir sobre a prática e de se praticar a reflexão.

No segundo capítulo, objetivou-se apresentar a formação profissional do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, a partir do currículo do curso, pautado nas Diretrizes Curriculares propostas pela ABEPSS, o que permitiu

compreender como vem se realizando a supervisão de estágio na visão da Coordenação de Estágio.

No terceiro capítulo, buscou-se apresentar o mapeamento dos campos de estágio, bem como uma caracterização dos supervisores de campo que colaboram na formação profissional dos alunos do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

No quarto e último capítulo, para conhecer como vem se realizando o processo de supervisão de campo dos alunos do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, buscou-se agrupar as respostas dos supervisores em cinco eixos: o primeiro relacionado à concepção de estágio e supervisão, o segundo sobre as razões que os conduziram a prática da supervisão e como se prepararam para a mesma, o terceiro sobre a forma como é realizada a supervisão e as competências que eles priorizam na formação de seus alunos estagiários, o quarto sobre as dificuldades que enfrentam no papel de supervisor e as alternativas para superá-las e, por fim, sobre sua experiência do passado, enquanto estagiário, e sobre a relação entre supervisor de campo e unidade de ensino.

Faz-se necessário pontuar que a presente dissertação não pretende esgotar o tema, mas levantar questões que possam subsidiar novos estudos sobre a supervisão de estágio enquanto processo de formação profissional em Serviço Social.